



Assembléia Legislativa de São Paulo

# Fórum São Paulo Século 21

Índice Paulista de  
Responsabilidade Social - IPRS  
**Municípios Paulistas Agrupados**  
Segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade



Assembléia Legislativa de São Paulo

# Fórum São Paulo Século 21

Índice Paulista de  
Responsabilidade Social - IPRS

**Municípios Paulistas Agrupados**  
Segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade

## **MUNICÍPIOS PAULISTAS AGRUPADOS SEGUNDO RIQUEZA, LONGEVIDADE E ESCOLARIDADE**

Os 645 municípios paulistas foram reunidos em cinco agrupamentos, classificados segundo suas principais características comuns de riqueza municipal, longevidade e escolaridade. Não se trata de uma tarefa simples. A rigor, se fossem considerados, para cada dimensão, três níveis diferentes – com classificações por tipo baixo, médio e alto –, as combinações possíveis chegariam a um total de 27.

Num extremo da distribuição, estariam os municípios com baixo nível de riqueza municipal, baixo nível de longevidade e baixa escolaridade; no outro, aqueles com elevada riqueza, elevada longevidade e elevada escolaridade. Sobrariam ainda 25 situações intermediárias, difíceis de serem classificadas e interpretadas. Assim, para fins de classificação dos municípios simultaneamente segundo riqueza, longevidade e escolaridade, procedeu-se a um conjunto de passos lógicos apresentados a seguir.

Como primeiro passo, foram classificadas as dimensões de riqueza municipal, longevidade e escolaridade segundo vários parâmetros, apresentados na Tabela 7.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> 30. Estes parâmetros foram adotados a partir de um modelo de análise de "cluster", que permite agrupar municípios segundo as combinações mais frequentes de um dado conjunto de variáveis previamente selecionado. Para maiores informações, ver Anexo Metodológico.

**TABELA 7**

Números de Municípios e População, segundo Níveis e Parâmetros para a Classificação das Dimensões Riqueza, Longevidade e Escolaridade  
Estado de São Paulo – 1997

Níveis e Parâmetros	Municípios		População	
	Número	%	Número	%
<b>Total</b>	<b>645</b>	<b>100,0</b>	<b>34.581.838</b>	<b>100,0</b>
<b>Riqueza Municipal</b>				
- Baixa: escore até 49	511	79,2	8.448.524	24,4
- Alta: escore de 50 e mais	134	20,8	26.133.314	75,6
<b>Longevidade</b>				
- Baixa: escore até 59	220	34,1	10.404.418	30,1
- Média: escore entre 60 a 69	270	41,9	22.187.741	64,2
- Alta: escore de 70 e mais	155	24,0	1.989.679	5,8
<b>Escolaridade</b>				
- Baixa: escore até 59	213	33,0	4.117.660	11,9
- Média: escore entre 60 a 69	231	35,8	8.069.285	23,3
- Alta: escore de 70 e mais	201	31,2	22.394.893	64,8

Fonte: Fundação Seade, 2000.

Pode-se observar nesta tabela que estes parâmetros implicam também a adoção de níveis diferenciados para a dimensão de riqueza municipal (alto e baixo) e para as de longevidade e escolaridade (níveis alto, médio e baixo).

Como mencionado anteriormente, a adoção do município como unidade de análise pode acarretar impactos consideráveis do ponto de vista da interpretação dos resultados. Por exemplo, existem 511 municípios com escore de riqueza municipal inferior a 50 pontos – ou 79,2% do total de municípios. No entanto, este conjunto, com 8,4 milhões de habitantes, correspondia a apenas 24,4% da população total.

De fato, a mera presença do município de São Paulo (com quase 10 milhões de habitantes) em um determinado grupo tende a ampliar sobremaneira o tamanho populacional deste agrupamento. Apesar destas limitações, considera-se relativamente equilibrada a distribuição dos municípios segundo esses parâmetros – especialmente no que diz respeito às dimensões de longevidade e escolaridade.

Neste sentido, a classificação adotada tende a ser mais específica no que diz respeito aos aspectos sociais do que quanto à questão da riqueza municipal. Os agrupamentos gerados serão mais claramente delimitados no que diz respeito às políticas sociais do que no que se refere àquelas de desenvolvimento econômico. Ao contrário de ser um problema, trata-se de uma virtude da estratégia adotada, que foi focalizada para as áreas mais passíveis de ação por parte do poder local.

Porém, pode-se também perceber que os diferentes níveis adotados na Tabela 7 para a classificação das dimensões de riqueza municipal, longevidade e escolaridade ainda implicam um total de 18 diferentes grupos de municípios. Por isto, como segundo passo do processo de agrupamento, procedeu-se a uma classificação simultânea dos municípios paulistas segundo as três dimensões propostas, de modo a reduzir ainda mais o número de grupos a serem considerados nesta análise. O resultado deste exercício – que implicou a criação de cinco diferentes grupos de municípios – pode ser observado na Tabela 8.<sup>2</sup>

Com o objetivo de apresentar os resultados de modo mais intuitivo, denominaram-se os cinco grupos de municípios encontrados de, respectivamente: *municípios-pólo; economicamente dinâmicos e de baixo desenvolvimento social; saudáveis e de baixo desenvolvimento econômico; de baixo desenvolvimento econômico e em transição social; e de baixo desenvolvimento econômico e social*. Esta denominação, que tem apenas o objetivo de facilitar a exposição dos agrupamentos aqui gerados foi produzida a partir da identificação dos principais

---

<sup>2</sup> Este resultado é consistente com o modelo de análise de “cluster”. Ver Anexo Metodológico.

municípios que fazem parte de cada grupo.<sup>3</sup> A seguir, detalha-se a descrição de cada um destes grupos.

**TABELA 8**

Agrupamentos de Municípios, segundo Riqueza Municipal, Longevidade e Escolaridade Estado de São Paulo – 1997

### 1. Cruzamento das Dimensões Consideradas

Riqueza municipal	Longevidade	Escolaridade		
		Baixa: até 59	Média: 60 a 69	Alta: 70 e mais
<b>Baixa – escore até 49</b>	<i>Baixa: até 59</i>	<b>5 (94)</b>	<b>4 (51)</b>	<b>4 (25)</b>
	<i>Média: 60 a 69</i>	<b>4 (65)</b>	<b>3 (80)</b>	<b>3 (56)</b>
	<i>Alta: 70 e mais</i>	<b>4 (22)</b>	<b>3 (55)</b>	<b>3 (63)</b>
<b>Alta – escore de 50 e mais</b>	<i>Baixa: até 59</i>	<b>2 (20)</b>	<b>2 (19)</b>	<b>1 (11)</b>
	<i>Média: 60 a 69</i>	<b>2 (11)</b>	<b>1 (21)</b>	<b>1 (37)</b>
	<i>Alta: 70 e mais</i>	<b>1 (1)</b>	<b>1 (5)</b>	<b>1 (9)</b>

### 2. Síntese dos Critérios Adotados para a Formação de Grupos

<b>Grupo 1: Pólo</b>	<p><i>Alta riqueza, média longevidade e média escolaridade</i>  <i>Alta riqueza, média longevidade e alta escolaridade</i>  <i>Alta riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade</i>  <i>Alta riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade</i>  <i>Alta riqueza, alta longevidade e média escolaridade</i>  <i>Alta riqueza, alta longevidade e alta escolaridade</i></p>	84 municípios
<b>Grupo 2: Economicamente Dinâmicos e de Baixo Desenvolvimento Social</b>	<p><i>Alta riqueza, baixa escolaridade e média longevidade</i>  <i>Alta riqueza, média escolaridade e baixa longevidade</i></p>	50 municípios
<b>Grupo 3: Saudáveis e de Baixo Desenvolvimento Econômico</b>	<p><i>Baixa riqueza, média longevidade e média escolaridade</i>  <i>Baixa riqueza, alta longevidade e média escolaridade</i>  <i>Baixa riqueza, média longevidade e alta escolaridade</i>  <i>Baixa riqueza, alta longevidade e alta escolaridade</i></p>	254 municípios
<b>Grupo 4: De Baixo Desenvolvimento Econômico</b>	<p><i>Baixa riqueza, baixa longevidade e média escolaridade</i>  <i>Baixa riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade</i></p>	163 municípios

<sup>3</sup> Discute-se, mais adiante, cada um dos grupos de municípios gerados, seus principais componentes, perfil e significado mais geral.

## iprs – Municípios Paulistas Agrupados Segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade

**e em Transição Social**    *Baixa riqueza, média longevidade e baixa escolaridade*  
*Baixa riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade*

**Grupo 5: De Baixo Desenvolvimento Econômico e Social**    *Baixa riqueza, baixa longevidade e baixa escolaridade* 94 municípios

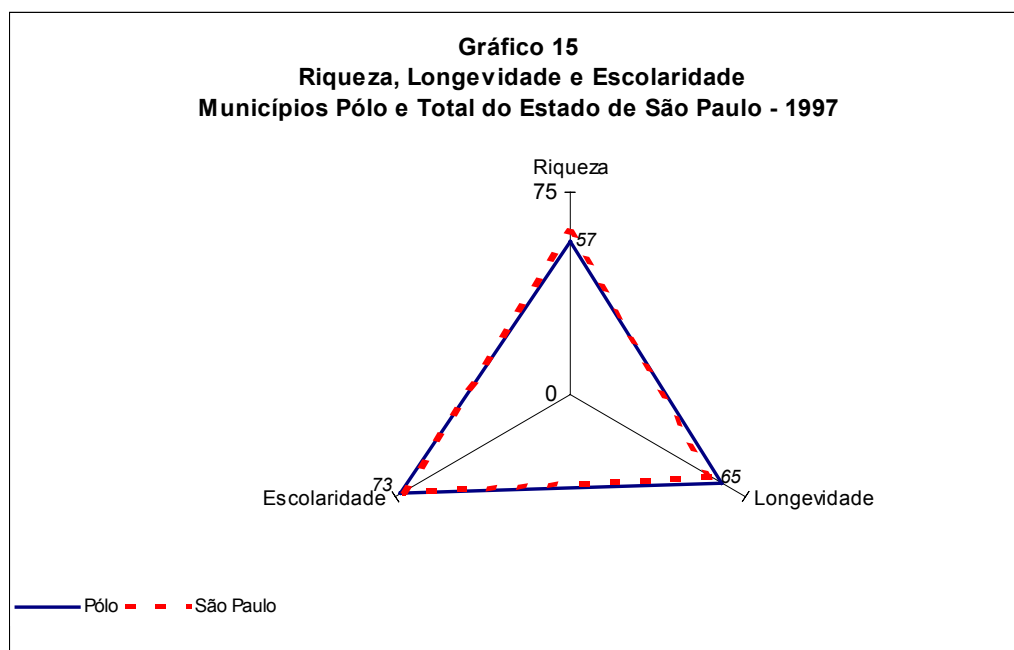
### **MUNICÍPIOS-PÓLO**

O grupo 1, ou dos municípios-pólo, localiza-se ao longo das principais rodovias do Estado de São Paulo – Presidente Dutra e Anhangüera – e é composto, grosso modo, por municípios de grande porte, tais como São Paulo, Campinas e Santos.<sup>4</sup> Neste sentido, o grande tamanho populacional deste grupo contribui para condicionar, em grande medida, as médias do conjunto do Estado de São Paulo: o grupo tem longevidade média ligeiramente superior à média do Estado e níveis médios de riqueza municipal e escolaridade superiores aos estaduais (Gráfico 15).

---

<sup>4</sup> Ver mapas 7 e 8.

**GRÁFICO 15**  
Riqueza, Longevidade e Escolaridade  
Municípios Pólo e Total do Estado de São Paulo – 1997



Fonte: Fundação Seade, 2000.

De fato, apesar de abranger apenas 84 localidades, o tamanho populacional total deste grupo supera 21 milhões de habitantes, ou pouco mais de 60% da população estadual. Pertencem a este grupo 26 municípios com população superior a 150 mil habitantes: São Paulo, Campinas, São Bernardo do Campo, Osasco, Santo André, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Sorocaba, Santos, Carapicuíba, São José do Rio Preto, Mogi das Cruzes, Piracicaba, Bauru, Jundiaí, Limeira, Taubaté, Marília, Presidente Prudente, São Carlos, Sumaré, Americana, Araraquara, Jacareí, Araçatuba e Rio Claro.

Quase todos estes municípios são pólos regionais importantes, razão para caracterizar esse agrupamento como aquele que engloba os “municípios-pólo”. Como mencionado anteriormente (capítulo 3), a grande questão neste agrupamento



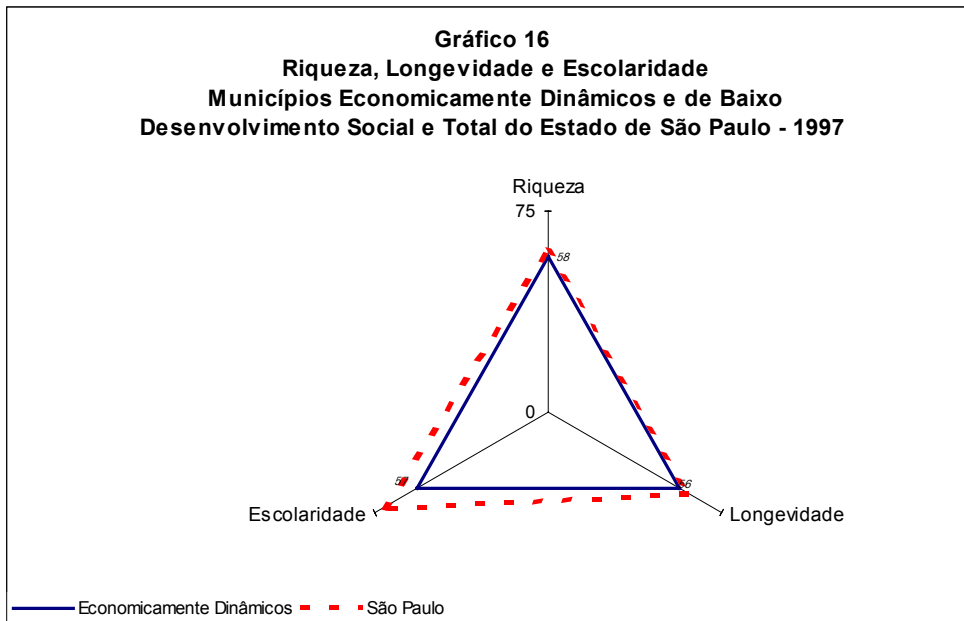
parece estar relacionada ao aumento da mortalidade adulta, derivada das chamadas causas externas (acidentes e assassinatos).

Em alguns casos, apesar do elevado escore municipal de longevidade em termos estaduais, este escore pode ser considerado relativamente baixo quando toma-se como padrão de comparação o nível de riqueza destas localidades. É também verdade que – dado o seu grande tamanho populacional –, os escores aqui produzidos não captam o fenômeno da desigualdade efetivamente existente no interior de cada uma dessas localidades, particularmente naquelas de maior porte.

### ***MUNICÍPIOS ECONOMICAMENTE DINÂMICOS E DE BAIXO DESENVOLVIMENTO SOCIAL***

O grupo 2, ou dos municípios economicamente dinâmicos, localiza-se principalmente no entorno das Regiões Metropolitanas de São Paulo, Campinas e Baixada Santista, caracterizando o singular perfil de relativa riqueza municipal e precárias condições de longevidade e escolaridade (ver Mapas 7 e 8). Estes municípios foram considerados dinâmicos principalmente devido à sua pujança econômica e ritmo de crescimento demográfico, embora apresentem precários indicadores sociais. De fato, estas localidades, a pesar de atingirem um nível médio de riqueza municipal próximo ao da média geral do Estado, registram níveis significativamente inferiores de escolaridade e longevidade (Gráfico 16).

**GRÁFICO 16**  
Riqueza, Longevidade e Escolaridade  
Municípios Economicamente Dinâmicos e de Baixo Desenvolvimento Social  
e Total do Estado de São Paulo – 1997



Fonte: Fundação Seade, 2000.

Este agrupamento engloba um conjunto de 50 municípios, com uma população total de aproximadamente 4,8 milhões de habitantes. Identificam-se, neste conjunto, três tipos principais:

- os municípios industriais localizados nos entornos metropolitanos de São Paulo e Santos, cuja riqueza municipal pode ser considerada elevada devido, sobretudo, à presença de indústrias de grande porte. Este é o caso de Mauá, Cubatão, Diadema e Guarulhos. Nestes locais, onde a taxa de crescimento demográfico é ainda elevada, reside em geral uma população de baixa renda média e baixa escolaridade, o que implica uma importante redução dos escores médios mencionados anteriormente. De qualquer modo, em face de seus níveis de arrecadação per capita, trata-se de municípios que têm, em tese, o potencial de promover melhorias significativas de seus indicadores sociais;

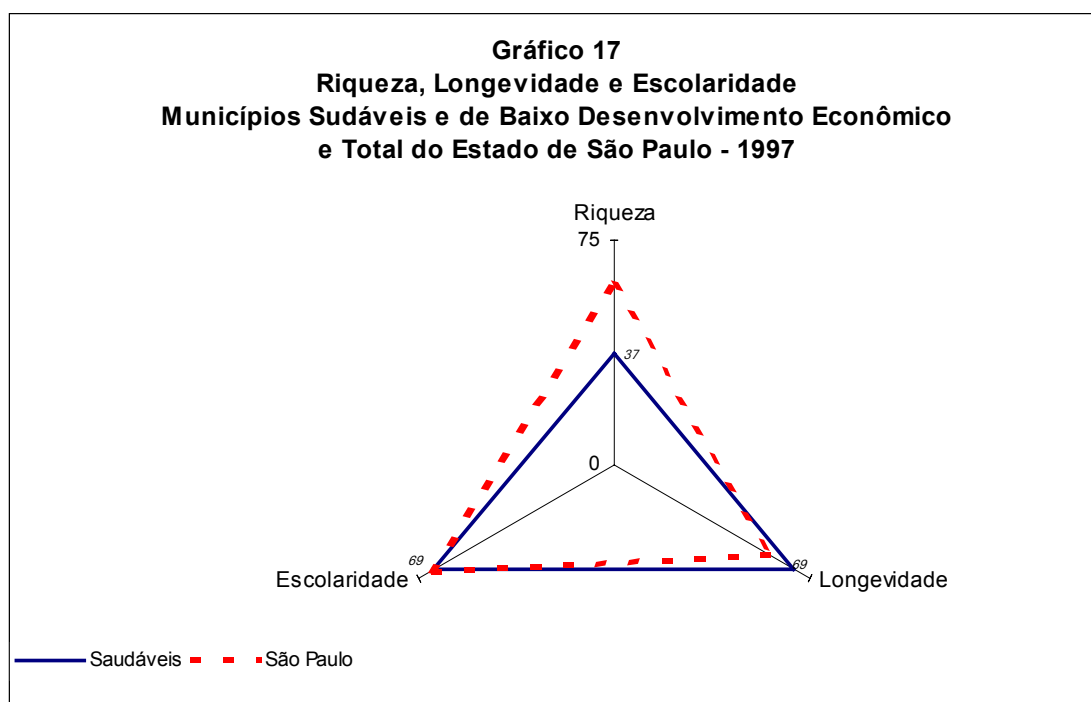
- os municípios onde se localizam os condomínios fechados de alta renda: Barueri, Cotia, Itapeverica da Serra, etc. Apesar da existência nestas áreas de uma população de alta renda – o que tende a elevar os níveis médios de riqueza – parece persistirem nestes locais padrões urbanísticos e acesso a serviços sociais que evidenciam elevada segregação socioespacial, com importantes bolsões de pobreza e de locais de baixíssima renda e baixa escolaridade;
- os chamados municípios turísticos, tais como Guarujá, Campos do Jordão, Ilhabela, São Sebastião e Atibaia. Nestas áreas, o dinamismo do setor de turismo não parece ter sido capaz de evitar o fenômeno de formação de novas periferias locais: ao lado das casas de veraneio e de condomínios de luxo, passa também a residir uma população com baixo nível socioeconômico, trabalhando primordialmente nas áreas da construção civil e da prestação de serviços, o que tende a reduzir os padrões sociais médios. Destacam-se, também, os elevados custos de urbanização, derivados do perfil topográfico peculiar de muitas destas localidades, o que torna complexa a provisão de serviços básicos de saneamento e arruamento.

Sem dúvida este conjunto de municípios é o mais preocupante do ponto de vista das políticas públicas, pois constituem casos em que o nível de desenvolvimento econômico atingido não se traduziu em melhores condições médias de vida para o conjunto da população. De qualquer modo, deve-se reconhecer suas peculiaridades no que diz respeito aos fluxos demográficos e às condições de ocupação.

### ***MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS E DE BAIXO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO***

O grupo 3, ou dos municípios saudáveis, localiza-se principalmente no oeste do Estado (ver Mapas 7 e 8). Pode-se afirmar que este grupo é constituído, principalmente, por municípios de pequeno porte, baixo nível de riqueza municipal,

escolaridade próxima à média e elevada condição de longevidade, quando comparado ao restante do Estado de São Paulo (Gráfico 17).



Além da surpreendente localização na porção oeste do Estado, uma outra importante característica deste grupo tem a ver com o pequeno tamanho populacional. O grupo reúne 254 municípios, com uma população total de apenas 3,8 milhões de habitantes, ou uma média de 14 mil habitantes por município. Além disso, apenas dois municípios presentes neste agrupamento tinham mais de 100 mil habitantes em 1997: Franca e Santa Bárbara d’Oeste.

Estes municípios foram denominados de “saudáveis e de baixo desenvolvimento econômico” devido ao contraste entre seu baixo nível médio de riqueza municipal e seus significativos níveis de escolaridade e, particularmente, de longevidade. Ainda não se tem uma explicação completa para a emergência destas localidades enquanto campeãs dos indicadores de longevidade e escolaridade do

Estado de São Paulo, no entanto vale a pena formular algumas hipóteses preliminares:

- chama a atenção o pequeno tamanho populacional destes locais. Em tese, este elemento poderia tornar mais transparentes e eficazes os instrumentos de política de descentralização em saúde e educação (conselhos, gasto mínimo per capita, gasto mínimo por município, etc.). De fato, um conselho municipal de saúde tende a ser, obviamente, muito mais visível numa cidade de 2 mil habitantes do que em outra de 1 milhão de habitantes;
- de modo geral, os dados demográficos disponíveis apontam para a continuidade do padrão histórico de emigração nestas áreas (Fundação Seade, 2000). Em princípio, este elemento torna menos premente a necessidade de investimentos em infra-estrutura viária para a urbanização de novas áreas. É possível que a emigração também atue seletivamente, no sentido de expulsar aquelas famílias em piores condições socioeconômicas;
- pode-se também destacar que, nos menores locais, são mais baixos os níveis de mortalidade decorrentes de causas externas, tais como assassinatos e acidentes de trânsito – típicas da faixa etária de 15 a 39 anos. Em termos comparativos, este fenômeno tende a implicar a elevação da longevidade nos menores municípios, particularmente naqueles que já equacionaram seus principais problemas de saneamento básico.

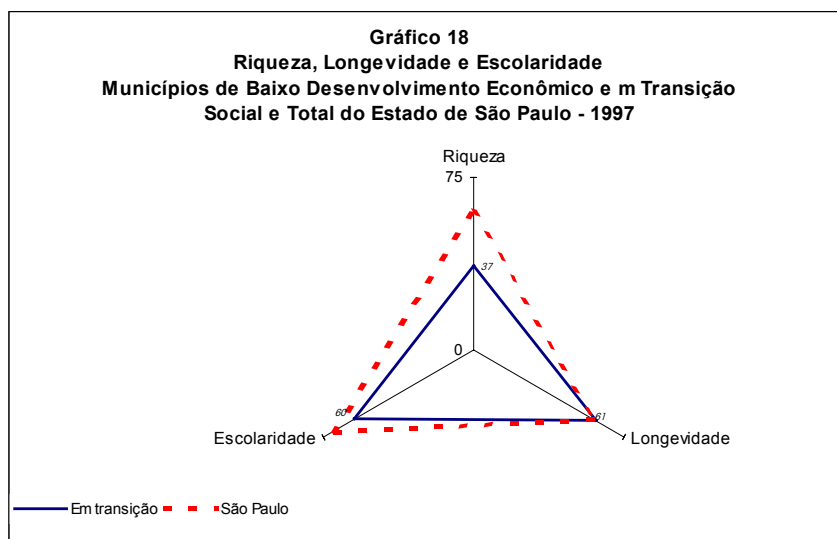
De qualquer modo, trata-se de um fenômeno recente, de grande interesse para as políticas regionais e sociais brasileiras, uma vez que as menores localidades e o meio rural sempre foram, tradicionalmente, associados a baixos níveis socioeconômicos. É possível que uma melhor compreensão da recente emergência desta região do oeste do Estado como área avançada em termos sociais venha a lançar importantes luzes no sentido tanto de serem identificadas e promovidas outras experiências relevantes de desenvolvimento social em São Paulo e no Brasil,

quanto de se propor uma reflexão mais geral a respeito da questão urbana e metropolitana.<sup>5</sup>

### **MUNICÍPIOS DE BAIXO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E EM TRANSIÇÃO SOCIAL**

O grupo 4, ou dos municípios em transição, é composto, de modo geral, pelos municípios que se encontravam em melhores condições, mesmo estando naquelas áreas consideradas menos dinâmicas do Estado de São Paulo, tais como o Vale do Ribeira e a Serra do Mar ao longo do Vale do Paraíba (ver o Mapa 8). De modo geral, são municípios com baixo nível de riqueza municipal, mas com nível intermediário de escolaridade e longevidade um pouco abaixo da média do Estado (Gráfico 18).

**GRÁFICO 18**  
Riqueza, Longevidade e Escolaridade  
Municípios de Baixo Desenvolvimento Econômico e em Transição Social e Total do Estado de São Paulo – 1997



Fonte: Fundação Seade, 2000.

<sup>5</sup> Ao menos no caso do Estado de São Paulo, já não se pode afirmar de modo generalizado que os principais problemas sociais estão concentrados nas menores cidades.

Da mesma forma como no caso dos saudáveis, os municípios em transição são, em sua grande maioria, de pequeno porte. O grupo reúne 163 municípios e uma população total de apenas 2,9 milhões de habitantes, ou uma média de 18 mil habitantes por município.

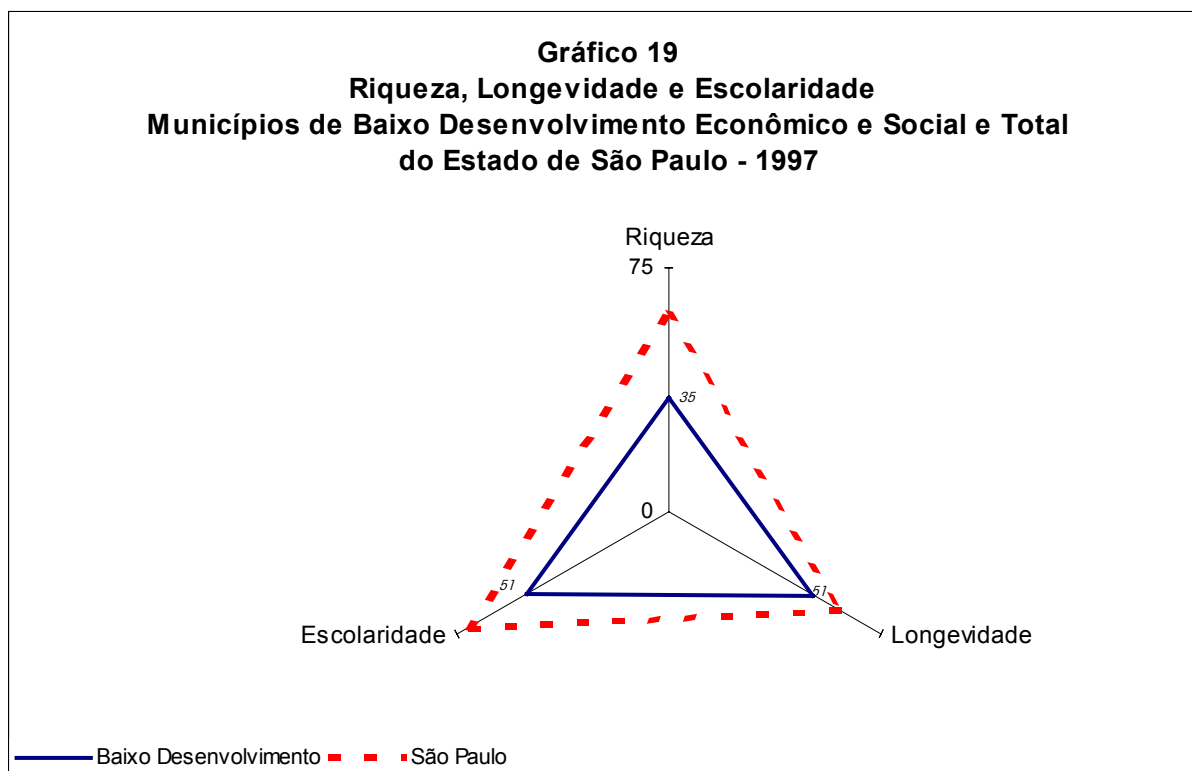
Somente quatro municípios com mais de 100 mil habitantes fazem parte deste grupamento: São Vicente, Praia Grande, Ferraz de Vasconcelos e Itapetininga, sendo que apenas este último localiza-se no Vale do Ribeira, o que sugere que em parte da periferia metropolitana de São Paulo (Ferraz de Vasconcelos) e de Santos (Praia Grande) também podem ser encontrados municípios menos avançados no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico.

Estes municípios foram denominados “de baixo desenvolvimento econômico e em transição social” porque, apesar do seu baixo nível de riqueza municipal, puderam lograr um significativo avanço em alguns campos da área social, particularmente no caso do indicador de longevidade. Cabe ressaltar que estes municípios também podem trazer algum interesse do ponto de vista das políticas sociais, pois alguns deles representam casos em que algum avanço das políticas sociais pode ser conseguido, mesmo em regiões tradicionalmente pobres e consideradas problemáticas, como o Vale do Ribeira.

### ***MUNICÍPIOS DE BAIXO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL***

O grupo 5, ou dos municípios de baixo desenvolvimento, tende a estar concentrado em áreas bem específicas do Estado, tais como o Vale do Ribeira e as Serras do Mar e da Mantiqueira (ver o Mapa 8). De modo geral, o grupo é formado por aquelas localidades tradicionalmente pobres, caracterizadas, simultaneamente, pelos baixos níveis de riqueza municipal, longevidade e escolaridade. Pode-se observar, no Gráfico 19, que, para todas as dimensões consideradas, o nível destes municípios é significativamente inferior à média do Estado.

**GRÁFICO 19**  
Riqueza, Longevidade e Escolaridade  
Municípios de Baixo Desenvolvimento Econômico e Social  
e Total do Estado de São Paulo – 1997



**Fonte:** Fundação Seade, 2000.

Apesar de contar com um total de 94 municípios, trata-se do grupo com menor contingente populacional entre todos os observados: apenas 1,7 milhão de habitantes. Apenas três municípios contam com mais de 100 mil habitantes: Itaquaquecetuba, Francisco Morato e Franco da Rocha, localizados na RMSP, o que aponta para a persistência de significativos bolsões de pobreza nas periferias metropolitanas.

De qualquer modo, o perfil principal deste agrupamento é dado por municípios de pequeno porte, muitos deles predominantemente rurais, marcados pela lógica



tradicional da pobreza e da incapacidade local em lograr com avanços significativos no campo social. Daí porque a denominação de “municípios de baixo desenvolvimento econômico e social”.

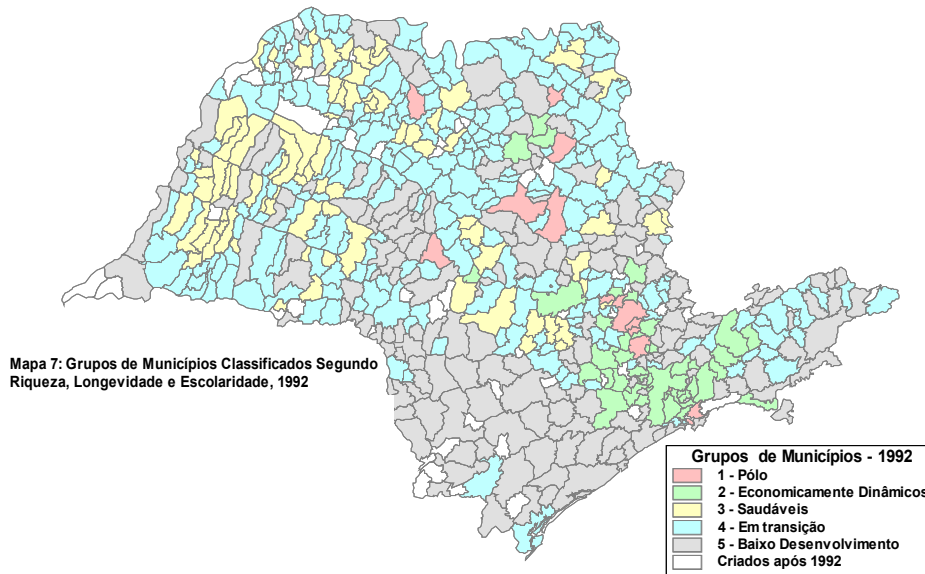
Como “destaque negativo”, cabe chamar a atenção para os municípios de Ribeirão Branco, Potim, Guapiara, Taquarivaí e Barra do Turvo, todos com longevidade inferior a 40 pontos na escala fatorial proposta e baixos níveis de escolaridade e de riqueza municipal. Entre estas localidades, encontram-se os poucos municípios do Estado com IDH considerado baixo em 1991 (PNUD, 1998).

### ***PADRÕES ESPACIAIS E EVOLUÇÃO TEMPORAL DOS GRUPOS DE MUNICÍPIOS***

De todo modo, pode-se também identificar impressionantes padrões espaciais destes cinco agrupamentos de municípios, mostrando que os indicadores gerados por este projeto caracterizam, de forma muito efetiva, a heterogeneidade regional do Estado de São Paulo. Segundo a classificação de 1997, o agrupamento dos municípios-pólo fica localizado principalmente ao longo do eixo das Rodovias Dutra e Anhangüera, tendo o município de São Paulo como vértice; os municípios economicamente dinâmicos localizam-se nos entornos metropolitanos de São Paulo, Campinas e Baixada Santista; os municípios saudáveis encontram-se, principalmente, no oeste do Estado; os municípios em transição e os municípios de baixo desenvolvimento tendem, por sua vez, a ficarem mais concentrados nos bolsões de pobreza do Vale do Ribeira e das Serras do Mar e da Mantiqueira. Estes elementos podem ser observados no Mapa 8.

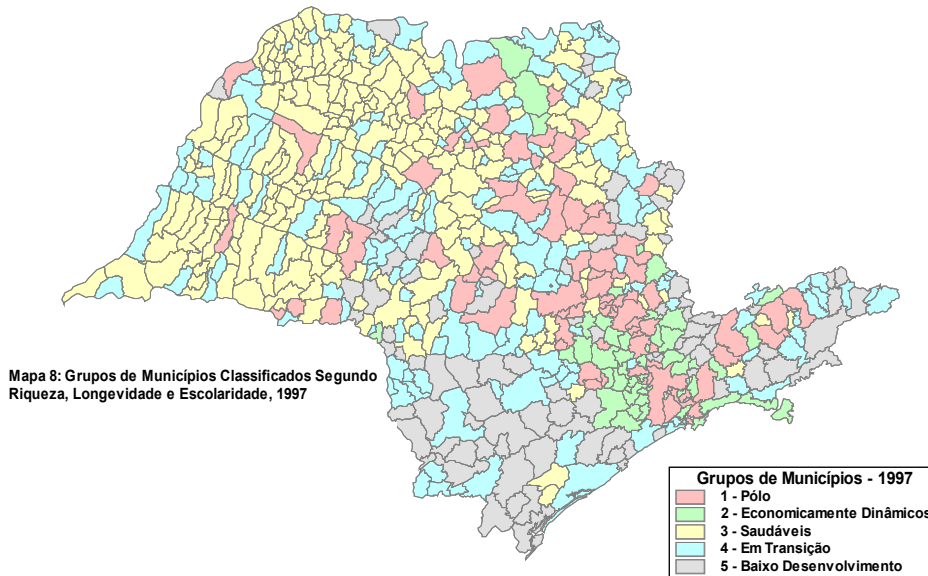
### MAPA 7

#### Grupos de Municípios Classificados, segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade – 1992



### MAPA 8

#### Grupos de Municípios Classificados, segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade – 1997



Observava-se, no Mapa 8, uma notável distribuição espacial dos cinco grupos de municípios gerados para 1997, a partir deste conjunto de critérios apresentados nas Tabelas 7 e 8. A rigor, estes resultados mostram que o Estado de São Paulo é, na realidade, composto por regiões bastante diferenciadas no que diz respeito aos seus aspectos socioeconômicos.

O grau de heterogeneidade aqui observado pode ser considerado relativamente intencional. De fato, a pouca distinção permitida pelos grupos (baixo, médio e alto) gerados a partir do IDH (PNUD, 1998), por exemplo, em que mais de 95% dos municípios paulistas encontrava-se num nível médio de IDH, reflete apenas o fato de que a estrutura de escalas e de classificação deste indicador foi concebida de modo a tentar captar uma heterogeneidade muito maior, referida ao conjunto de estados e municípios brasileiros (PNUD, 1998) ou a de países (PNUD, 1999, 2000).

Embora a significativa mudança observada entre 1992 e 1997 evidencie uma importante evolução nos indicadores médios de riqueza municipal, longevidade e escolaridade, cabe ressaltar que esta evolução não deve ser considerada uma revolução. A estrutura de escalas foi calibrada de modo a ressaltar a heterogeneidade entre os municípios e a mudança ao longo do tempo, o que faz com que, em comparações internacionais, os indicadores de São Paulo sejam ainda relativamente baixos, particularmente na área de escolaridade.

De qualquer modo, as mudanças parecem notáveis em algumas regiões, particularmente nas áreas do centro e do oeste do Estado e no Vale do Ribeira. Analogamente, no entorno metropolitano, persiste a preocupante presença do grupo aqui denominado “economicamente dinâmico”, que contrasta o elevado grau de riqueza municipal com baixos níveis de escolaridade e longevidade. Este elemento indica o grau de crescente complexidade do fenômeno metropolitano no início do século XXI.

---

#### BIBLIOGRAFIA

- ARRETCHE, M. *Estado federativo e políticas sociais: determinantes da descentralização*. Rio de Janeiro, Revan, 2000.
- AZZONI, C.R. (org.). *Como está São Paulo: as pessoas, a produção, os municípios e o meio ambiente*. São Paulo, Secretaria de Planejamento e Gestão, 1993.
- . *Indústria e reversão da polarização no Brasil*. Tese de Livre Docência. São Paulo, Fipe/USP, 1985.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Informações obtidas no site: [www.bancocentral.gov.br](http://www.bancocentral.gov.br), 2000.
- BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 2000*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2000.
- BUSSAB, W. O. et alii. “Introdução à análise de agrupamentos”. 9º Simpósio Brasileiro de Probabilidade e Estatística. São Paulo, Associação Brasileira de Estatística, 1990.
- CHEN, L.C. et alii. *Health and social change in international perspective*. Cambridge, Harvard University Press, 1993.

## iprs – Municípios Paulistas Agrupados Segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade

- CONDRAN, G.A. e PRESTON, S.H. "Child mortality differences, personal health care practices and medical technology". In: CHEN, L.C. et alii. *Health and social change in international perspective*. Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 171-223.
- COSTA, M.R.; LIPPI, L.F.B. e OLIVEIRA, I.I.M.C. "Mortes violentas, vítimas e homicídios". In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, v. 9, n. 3, 1995, p. 87-93.
- DATASUS. Informações existentes no site: [www.datasus.gov.br/tabnet/tabnet.htm](http://www.datasus.gov.br/tabnet/tabnet.htm), 2000.
- DE MELLO, G. "Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical". *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, v. 14, n. 1, 2000.
- DILLON, W.R. e GOLDSTEIN, M. *Multivariate analysis: methods and applications*. Nova York, John Wiley & Sons, 1994.
- DINIZ, C.C. "Polygonized development in Brazil: neither decentralization nor continued polarization". *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 18, n. 2, 1994, p. 293-314.
- DUCHIADE, M.P. e BELTRÃO, K.I. "Mortalidade infantil por causas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro", 1976-86: associação com variáveis socioeconômicas, climáticas e ligadas à poluição do ar. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 9, n. 2, 1992.
- ERIKSON, R. "Descripciones de la desigualdad: el enfoque sueco de la investigación sobre el bienestar". In: NUSSBAUN, M. e SEN, A. (compiladores). *La calidad de vida*. México, Fondo de Cultura Económica e The United Nations University, 1998.
- DEBRAJ, R. *Development Economics*. New Jersey, Princeton University Press, 1998.
- EVERITT, B. *Cluster analysis*. 2d. Edition. New York, Halsted Press, 1980.
- FUNDAÇÃO SEADE. *Pesquisa de Condições de Vida: uma abordagem multissetorial*. São Paulo, 1992.
- . *São Paulo no Limiar do Século XXI*. São Paulo, v. 1-6, 1993.
  - . *Prestação de serviços para a elaboração do projeto Priorizando o Saneamento no Estado de São Paulo*. São Paulo, 1998a, mimeo.
  - . *Prestação de serviços especializados de consultoria para a realização de estudos, pesquisas, análises, sistematização, georreferenciamento e disseminação de indicadores socioeducacionais para o Estado de São Paulo*. São Paulo, 1998b, mimeo.
  - . *Pesquisa de condições de vida na Região Metropolitana de São Paulo: primeiros resultados*. São Paulo, 1999.
  - . *Cadernos do Fórum: São Paulo – Século XXI*. São Paulo, Assembléia Legislativa de São Paulo, 2000.
- GOUVÊA, G. "Um salto para o presente: a educação básica no Brasil". *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, v. 14, n. 1, 2000.
- HADDAD, S. e PIERRO, M. "Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: uma avaliação da década da educação para todos". *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, v. 14, n. 1, 2000.
- HAIR, J. *Multivariate data analysis*. 5d. Edition. New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1988.
- IBASE. *Observatório da Cidadania*. Rio de Janeiro, n. 2, 1998.
- . *Observatório da Cidadania*. Rio de Janeiro, n. 3, 1999.
  - . *Cadernos do Observatório*. Rio de Janeiro, n. 0, 1999b.
- KUMAR, A.K.S. *Short term changes in development: tracking inputs, assessing efforts, measuring outcomes*. Delhi, Draft for Discussion, 1999.
- MARSHALL, T. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1965.
- MOOD, A.M. *Introduction to the theory of statistics*. 3d. Edition. New York, Mac Graw-Hill Book Co., 1974.
- MORRISON, D.F. *Multivariate statistical methods*. 2d. Edition. New York, Mac Graw-Hill Book Co., 1976.
- MURRAY, C.J.L. e CHEN, L.C. "Understanding morbidity change". In: CHEN, L.C. et alii. *Health and social change in international perspective*. Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 87-114.
- NICOLAU, J. *Sistema eleitoral e reforma política*. Rio de Janeiro, Foglio Ed., 1993.
- NUSSBAUN, M. e SEN, A. *La calidad de vida* (Introdução). México, Fondo de Cultura Económica e The United Nations University, 1998.
- O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 22/10/2000, p. B9.
- PNUD. *Relatório do Desenvolvimento Humano no Brasil, 1996*. Brasília, 1996.
- . *Relatório do Desenvolvimento Humano 1999*. Lisboa, Trinova Editora, 1999.
  - . *Relatório do Desenvolvimento Humano 2000*. Lisboa, Trinova Editora, 2000.
- PNUD et alii. *Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: indicadores brasileiros*. Brasília, PNUD, 1998.
- PUTNAM, R.D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SANTOS, W.G. *Cidadania e Justiça*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1979.
- TENDLER, J. *Good government in the tropics*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1997.

iprs – Municípios Paulistas Agrupados Segundo Riqueza, Longevidade e Escolaridade

TODD, A. "Health inequalities in urban areas: guide to the literature". *Environment and Urbanization*, v. 8, n. 2, 1996, p. 141-152.